

DF - Saúde

# ATENDIMENTO NOTA ZERO

Lindauro Gomes



Rosimary com a filha Bruna: um pouco de respeito

## PACIENTES RECLAMAM DE MAUS-TRATOS NOS HOSPITAIS. FREJAT QUER HUMANIZAR ATENDIMENTO

Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

**O**s casos de maus-tratos são frequentes no dia-a-dia dos hospitais públicos do Distrito Federal. É gente demais e paciência de menos. Nem o secretário de Saúde, Jofran Frejat, esconde a dura realidade. "Não é invenção da população. O ambiente de trabalho nos hospitais públicos é extremamente difícil, mas sempre defendi que quem não tem compromisso social não pode trabalhar na saúde", diz ele.

É o que aprendeu, da pior maneira possível, a dona-de-casa Rosimary Carvalho Oliveira, 31 anos, quando chegou ao Hospital Regional de Taguatinga (HRT) na tentativa de salvar o filho. Estava grávida de um mês. "Moça, eu estou perdendo meu filho", implorou a moradora da QR 319 de Samambaia, na triagem médica.

"Um *jumento* me atendeu e, grosseiramente, informou que o médico não estava", conta a baiana de Utinga, mãe de Bruna, uma menina de 3 anos. A porta foi batida na cara da mãe que se esvaía em sangue e dor. A mulher não desistiu. Bateu novamente e pediu para usar o banheiro. "Não queria perder meu bebê, só queria atenção", conta Rosimary.

"Estava sozinha no banheiro, ninguém me acompanhou. A auxiliar gritou lá da sala se já tinha saído", prossegue ela, as lágrimas correndo pelo rosto. "Isso foi o que mais me marcou." Ela foi obrigada a pegar o feto no vaso sanitário. E teve de percorrer todo um corredor cheio de gente, com o feto na mão, até a sala onde seria examinada por um médico.

"Não quero punir ninguém, mas naquele momento só queria um pouco de respeito. Era o momento mais difícil da minha vida", admite a dona-de-casa, evangélica. Rosimary temia que pensassem que eu tinha provocado o aborto.

O ginecologista Arnaldo Bernardino, presidente do Sindicato dos Médicos do Distrito Federal, reconhece que o dia-a-dia nos hospitais públicos é estafante, mas surpreende-se com o caso de Rosimary. "Nada justifica maltratar um paciente. De todas as pessoas que estavam na sala naquele momento, a paciente, fragilizada, era a única que não poderia pegar o feto. Uma pessoa humanizada deveria ter enxergado ali que uma mãe perdera o filho."

O secretário Jofran Frejat diz que 3 mil funcionários da Saúde, entre enfermeiros, atendentes e médicos, estão sendo treinados desde o ano passado para humanizar o atendimento nos hospitais públicos. "Em um lugar onde só há ai e dói, as pessoas acabam se tornando insensíveis. O atendimento médico torna-se, às vezes, automatizado. O médico faz seu serviço, mas não vê o resultado, a felicidade humana", explica. "Mas humanizar o atendimento não é tarefa fácil. O treinamento precisa ser constante."

LEIA MAIS

Sobre o assunto  
na página 2